

A mercantilização da natureza no sistema sócio-metabólico do capital

Vandique Martiniano Campos Meira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Email: profvanmeira@gmail.com

Arlete Ramos dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Email: arlerp@hotmail.com

Ana Débora Costa do Nascimento Mascarenhas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Email: anadeboramascarenhas4@gmail.com

1173

Palavras-chave: Natureza. Sociedade. Capitalismo. Mercantilização

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito refletir acerca do processo de mercantilização da natureza, que se dá por meio da apropriação capitalista de recursos naturais. Para tal intento utilizamos a análise exploratória e qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica. Concluímos que o sistema sócio metabólico do capital transforma estes recursos em mercadorias, sobretudo transformando-as em produtos fabricados, o que acarreta em crescente degradação, tanto da sociedade quanto da natureza, com efeitos nocivos para a saúde humana, com perdas para a biodiversidade do planeta Terra.

A produção social vem historicamente passando por transformações, desde a propriedade comunal o trabalho vem transformando o espaço e também o ser humano, numa relação dialética imbricada e indissociável entre homem e natureza. Esta relação orgânica com a natureza elevou o homem a um nível de distinção, realizando a produção de espaços através dos tempos pelo elo transformador, o trabalho. Assim, o trabalho é energia propulsora de realização de ser humano, de sobrevivência, de organização social, de identidade e de sua distinção na natureza (Engels, 1984; Marx, 1983, 1984)

Realização:



Apoio:



Transformando e produzindo espaços pelos modos de produção, através do trabalho das forças produtivas, nas unidades produtivas, e das relações sociais de produção, extraíndo da natureza a matéria-prima da primeira natureza e criando a segunda natureza “que deixa de comandar as ações dos homens e a atividade social começa a sócio metabólica entre o trabalho do homem e uma natureza cada vez mais modificada por esse mesmo trabalho.” (Santos, 1996, p. 16). Logo, o espaço é resultado da produção, tendo o trabalho como a categoria central, que ao utilizar a natureza com fins de atender às necessidades de sobrevivência, tem produzido espaços ao longo da história, elevando o ser humano como sujeito ativo, nunca passivo, no espaço, como analisa Santos (Op. Cit, p.161-162):

O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço. A promoção do homem animal a homem social deu-se quando ele começou a produzir. Produzir significa tirar da natureza os elementos indispensáveis à reprodução da vida. A produção, pois, supõe uma intermediação entre o homem e a natureza, através das técnicas e dos instrumentos de trabalho inventados para o exercício desse intermédio.

Visto isso, a problemática, identificada como ambiental, tem se apresentado na sociedade capitalista em frequentes debates, nos mais diferentes lugares, porém pouco tem se analisado pelo entendimento de que é a estrutura econômica do modo de produção que vem degradando a natureza, a qual, contraditoriamente, é utilizada como produção de riquezas: dela tiramos o provento para sobrevivermos, mas nela exploramos e a degradamos. Assim, a apropriação capitalista da natureza, a relação social e as atividades econômicas, que a sociedade exerce sobre os recursos naturais, produzem o espaço geográfico capitalista, contraditório e desigual, assim como o é em sua essência, enquanto dividido em classes sociais de interesses antagônicos expresso na relação Capital x Trabalho, como analisou Rodrigues (1998, p. 08)

A questão ambiental deve ser compreendida como um produto da intervenção da sociedade sobre a natureza. Diz respeito não apenas a problemas relacionados à natureza mas às problemáticas decorrentes da ação social. Corresponde à produção destrutiva que se caracteriza pelo incessante uso de recursos naturais sem possibilidade de reposição. (...) Os problemas ecológicos parecem, à primeira vista, referir-se apenas às relações homem-natureza e não as relações dos homens entre si. É preciso, assim, ter cuidado para não ocultar a existência e as

Realização:



Apoio:



contradições de classes sociais para compreender a problemática ambiental em sua complexidade, pois os problemas ambientais dizem respeito às formas como o homem em sociedade apropria-se da natureza.

As apropriações da natureza se revelam no modo de produção capitalista como propriedade privadas, privativas e privilegiada a uma classe social (Engels, 1984), detentora dos poderes de gestão dos meios de produção, usando a natureza como recursos para serem transformados pela indústria e consumidos pela sociedade. Mas esse consumo é desigual, tendo em vista que a exclusão social é inerente ao processo de reprodução da lógica espacial capitalista pelo mundo, pelo planeta Terra: o acesso aos bens de consumo, às propriedades rurais e urbanas, à boa qualidade vida (que na sociedade capitalista se confunde com o padrão consumista excessivo) são contraditórios, e pelo recurso financeiro se divide em quem tem dos que não têm, acarretando em consumos desenfreados, porque está intrinsecamente na essência do sistema sócio metabólico do capital a sua incontabilidade (Meszáros, 2011).

1175

METODOLOGIA

A metodologia utilizada, exploratória com revisão de literatura e de caráter qualitativa.

O presente estudo se caracteriza como uma metodologia qualitativa de caráter exploratório. Segundo Gil, (2008, p.45) “pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vantagens competitivas estão relacionadas, no modo de produção capitalista, às potencialidades paisagísticas e da natureza apropriada, distribuindo pelo mundo a produção planejada de matérias-primas para o comércio e indústria, atendendo a níveis de escala local, local-nacional, local-global e local-nacional-global. A natureza é utilizada como artifício para a dominação imperialista, para o aprofundamento da dominação da burguesia, usando meios de camuflar, escamotear, a realidade como deve ser analisada, pois a ótica da exploração da natureza e da classe trabalhadora pelos monopólios mundiais

Realização:



Apoio:



exerce uma prática alienante, por força da ideologia e seus instrumentos de massificação da alienação que força a sociedade a não ver a profundidade do prejuízo que estão causando ao planeta Terra (Leff, 2015).

A relação Centro-Periferia da economia capitalista, condição de enriquecimento dos Estados Modernos europeus, estabelecido desde o período colonial, pelo qual ocorre a transferência de produtos de médio a altos valores agregados para os territórios colonizados, que no atual momento são fornecedores de commodities com baixo valor agregado de mercado. Esta condição de desenvolvimento educou a toda a sociedade a compreender que os países com maior riqueza acumulada são superiores politicamente e podem explorar, como queiram, os territórios dos países subjugados aos ditames imperialistas (Leff, 2015), proveniente da racionalidade ambiental capitalista.

1176

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mundialização das relações sociais capitalistas em escala global, tem causado profundas alterações nas relações que a sociedade realiza com a natureza, sendo esta apropriada, se transformando em uma segunda natureza, com utilidades econômicas. Assim, a técnica serviu para manter os privilégios da classe social burguesa, manter o trabalhador explorado e transformando a “natureza” em matérias-primas, em recursos naturais, e em seguida em produto de mercado transformado. A produção do espaço capitalista, do sistema sócio metabólico do capital (Meszáros, 2011) é desigual e alienante, sobretudo ao contato que a sociedade tem com a natureza, pois o processo de desumanização é fato em curso, e a socialização da natureza vem, contraditoriamente, de forma alienada, através da massificação dos produtos transformados pelas grandes indústrias, que usam as matérias primas da natureza apropriada para gerar lucro.

Ao transformar estes recursos em mercadorias, sobretudo transformando-as em produtos fabricados, acarreta em crescente degradação, tanto da sociedade quanto da natureza, com efeitos nocivos para ambos, com perdas para a biodiversidade do planeta Terra – não respeita as leis da natureza de renovação da substância formadora da matéria extraída, assim como da matéria destruída, degradando solos, gases, plantas e animais, pela insaciável apropriação destrutiva. As indústrias das grandes corporações mundiais

Realização:



Apoio:



extraem e geram mais lucros da força de trabalho, conforme os ditames capitalistas de produção, para atender às exigências do mercado: cidades “urbanizadas” e campos dependentes, funcional e submisso aos interesses urbanocêntricos, infraestruturas mais organizadas para atender ao fluxo produtivo, neste incontrolável sistema sócio metabólico do capital.

1177

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, Propriedade Privada e do Estado.** Tradução de Leandro Konder. 9ed. Civilização Brasileira: São Paulo, 1984.

GIL, Antônio. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MARX, Karl. **O Capital** Vol. 1. O Processo de produção do capital. Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria de transição.** São Paulo: Boitempo, 2011.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção do e no espaço - problemática ambiental urbana.** Ed. Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 4 ed. Editora HUCITEC: São Paulo, 1996.

Realização:



Apoio:

